

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Desafios e Soluções da Sociologia 2



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Desafios e Soluções da Sociologia 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D441	Desafios e soluções da sociologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-426-9 DOI 10.22533/at.ed.269192506  1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em dois volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

No Volume 1 as duas partes foram denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

Entregamos ao leitor o Volume 2 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CRIATIVIDADE Esvaziada: A Economia Criativa de acordo os Ministros da Cultura depois do término da Sec	
Diego Santos Vieira de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2691925061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
ABORDAGEM Fitoquímica e Farmacológica das folhas <i>Terminalia catappa</i> Linn (Combretaceae)	
Maria da Costa Belina	
Mônica Regina Silva de Araújo	
Beatriz Dias	
Francisco Washington Araújo Barros Nepomuceno	
Aluísio Marques da Fonseca	
Ana Isabel Vitorino Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2691925062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
ASPECTOS Socioambientais dos sistemas de Dessalinização implantados no Município de Barreira, Ceará, Brasil	
Maria Dasdores Gonçalo Costa	
Olienaide Ribeiro de Oliveira Pinto	
Juan Carlos Alvarado Alcócer	
José Wertson Gonçalo Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2691925063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
Cidadania e Participação Política: O que os livros didáticos de Sociologia falam sobre isso?	
Dayane Gomes da Silva Rodrigues	
Ninótica Rosa Vieira Andrade	
Marta da Silva Aguiar	
Ismael Ferreira do Nascimento	
João Vitorino dos Santos Gonçalo	
Isaiane Rozado Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250634</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
CONJUNTO Arquitetônico do Largo e Beco do Boticário (RJ): Uma ruína esquecida?	
Patrícia Martins de Sá	
Maria Amália S. A. Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250635</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
ESTUDO Quantitativo dos Impactos Ambientais dos Complexos Eólicos Santa Mônica e Rosa dos Ventos	
Guilherme Geremias Prata	
Rejane Félix Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250636</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>86</b>
FRONTEIRAS DE UMA SOCIEDADE DIGITAL	
Rosenilda Marques da Silva Felipe Antonio Idêrlían Pereira de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250637</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>94</b>
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: O PRONATEC	
Rodrigo dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250638</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
RAÍZES DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL	
Marclin Felix Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.26919250639</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>120</b>
SOLO E SOCIEDADE: CONHECIMENTO BÁSICO EM SOLOS NA MACRORREGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ	
Murilo de Sousa Almeida Francisco Nildo da Silva Maria Brenna Mendes Cunha José Abel Aguiar Silva Paz Henderson Castelo Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>126</b>
SUPER HERÓIS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA ERA TRANSMIDIÁTICA: AS ADAPTAÇÕES DOS QUADRINHOS MARVEL PARA O CINEMA	
Robson Santos Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>141</b>
TECNOLOGIA, TRABALHO E TELETRABALHO NO PODER JUDICIÁRIO: DISCUSSÕES INICIAIS	
Maria Sara de Lima Dias Álaba Cristina Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>151</b>
TURISMO LITERÁRIO: RESGATE AOS LUGARES DE MEMÓRIA	
Nairon Gaia Coimbra Diana Priscila Sá Alberto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>164</b>
AUTOAJUDA E EXPERIÊNCIAS DE GERENCIAMENTO DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL	
Rossana Maria Marinho Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506314</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>180</b>
COMIDAS MIGRANTES: ANÁLISES INICIAIS A PARTIR DA FEIRINHA DA JK EM FOZ DO IGUAÇU-PR	
Fátima Regina Cividini Paola Stefanutti Valdir Gregory	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506315</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
COMUNIDADE BARROSO (CAMAMU-BA) PÓS 2008 – A CERTIFICAÇÃO E A NOVA CONFIGURAÇÃO DE QUILOMBO	
Flavia Querino Da Silva Emily Alves Cruz Moy Ana Angélica Leal Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>206</b>
CONTORNOS DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO DO RIO GRANDE DO SUL	
Letícia de Cássia Costa de Oliveira Ana Maria Dalla Zen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - COMPREENDENDO A REALIDADE ATUAL	
Antonio Henrique Seixas de Oliveira Diana de Souza Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>236</b>
OFICINA DE FOTOGRAFIAS E PESQUISA-AÇÃO: CONSTRUINDO FORMAS DE ACESSO A JUVENTUDE DO BARRO GUAJUVIRAS	
Luciane Marques Raupp	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>251</b>
QUEM TEM FOME TEM PRESSA! BANCO DE ALIMENTOS, DIGNIDADE PARA O INDIVÍDUO	
Tauã Lima Verdan Rangel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>264</b>
SOCIABILIDADE EM CONDOMÍNIOS VERTICAIS DO PROGRAMA “MINHA CASA, MINHA VIDA” EM CURITIBA-PR: UMA AVALIAÇÃO DA PÓS-OCUPAÇÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS	
Viviane Vidal Pereira dos Santos Maria Tarcisa Silva Bega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.269192506321</b>	

**CAPÍTULO 22 ..... 281**

VALORIZAÇÃO DOS SERVIDORES E REFORMA PREVIDENCIÁRIA NA GESTÃO LULA: DOIS LADOS DE UM MESMO GOVERNO

Ninótica Rosa Vieira de Andrade  
Dayane Gomes da Silva Rodrigues

**DOI 10.22533/at.ed.269192506322**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 293**

## MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - COMPREENDENDO A REALIDADE ATUAL

### **Antonio Henrique Seixas de Oliveira**

Doutor em Memória Social pela UNIRIO

Rio de Janeiro - RJ

Investigador do projeto “A Nossa Música, o nosso mundo – Associações musicais, bandas filarmônicas e comunidades locais (1880-2018)” - PTDC/CPC-MMU/5720/2014, financiado pela FCT,POCI-01-0145-FEDER-016814.

### **Diana de Souza Pinto**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social na UNIRIO

Rio de Janeiro - RJ

**RESUMO:** O presente artigo, que integra o trabalho de doutoramento do autor principal (OLIVEIRA, 2018), discute a situação atual das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro fundamentado no campo interdisciplinar da Memória Social, articulado à Análise de Narrativas de base interacional (RIESSMAN, 2008). A abordagem interacional para a narrativa destaca a importância do contexto de produção e interlocução das narrativas. Para Schiffrin (1996), as histórias que contamos sobre “vidas” são uma forma de construir interpretações e compartilhar experiências com nossos interlocutores. Os autores realizaram um grupo focal com atores desse processo, nos quais foram enunciadas narrativas de experiência pessoal (BASTOS,

2008). Após transcritas, selecionamos excertos do corpus com a finalidade de analisar os processos que levaram essas instituições ao estágio atual de declínio em comparação ao apogeu que experimentaram até o final da década de 1980. Destaca-se que, na análise dos dados, adotamos a perspectiva dos músicos/narradores que tiveram sua iniciação musical ou atuaram nesses grupos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bandas filarmônicas portuguesas. Memórias. Narrativas.

**ABSTRACT:** The present article, which is part of of the main author’s Ph.D research (OLIVEIRA, 2018), discusses the current situation of the Portuguese philharmonic bands of the city of Rio de Janeiro based on the interdisciplinary field of Social Memory, articulated with Narrative Analysis of interactional basis (RIESSMAN, 2008). The interactional approach to narrative highlights the importance of the context of narrative production and interlocution. For Schiffrin (1996), the stories we tell about “lives” are a way of constructing interpretations and sharing experiences with our interlocutors. The authors carried out a focal group with actors of this process, in which narratives of personal experience (BASTOS, 2008) were told. After transcribing them, we selected excerpts from the corpus with the purpose of analyzing the processes that led these institutions to the

current situation of decline compared to the apogee they had experienced until the end of the 1980s. It is noteworthy that, in the analysis of the data, takes into account the perspective of the musicians / narrators who have had their musical initiation or played with these groups.

**KEYWORDS:** Portuguese Philharmonic bands. Memories. Narratives

## 1 | INTRODUÇÃO

Bandas filarmônicas ou somente filarmônicas são os nomes comumente atribuídos, em Portugal, às bandas de música civis - agrupamentos musicais formados por instrumentos de sopros (madeiras e metais) e percussão, constituídas como associações culturais sem fins lucrativos, e cuja composição majoritária é de músicos não profissionais.

Segundo Salwa Castelo-Branco (1997), a vida das bandas filarmônicas em Portugal está intimamente ligada ao ciclo anual de festas religiosas e profanas, nas quais desempenham um papel fulcral, sobretudo nas regiões centro e norte do país. As *festas* são a denominação dada às celebrações públicas em honra de um santo ou da Virgem Maria associada a uma determinada localidade, normalmente uma Freguesia (Paróquia) ou Concelho (Município). A grande maioria das *festas* é realizada durante o verão Europeu, no período entre os meses de junho e setembro e, para inúmeras comunidades, a *feira* ou *romaria* é o evento mais importante do ano, inclusive com significativas implicações econômicas, pois neste período - que coincide com as férias escolares - muitos migrantes retornam às terras natais com suas famílias, o que contribui para a atividade econômica das localidades.

Desde o século XV os portugueses têm sido uma população móvel por todo o mundo, segundo Joel Serrão (1970). Nossa pesquisa revelou que, nos diferentes locais onde se fixaram, levaram consigo suas práticas musicais chegando a instituir, no âmbito do associativismo migrante, agrupamentos musicais à semelhança das bandas filarmônicas em Portugal.

Na cidade do Rio de Janeiro diversas bandas civis amadoras, à semelhança das bandas filarmônicas em Portugal, foram fundadas pelos migrantes portugueses, e a primeira delas foi a Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa, em 1920. A partir daí outras bandas foram criadas e encerraram suas atividades como a Banda Lusitana, a Banda União Portuguesa e a Sociedade Musical Brasil-Portugal. Até meados da década de 1990 existiam, no estado do Rio de Janeiro, quatro bandas portuguesas em atividade: Banda Portugal (1921), Banda Lusitana (1923), Banda Portuguesa de Niterói (1929) e Banda Irmãos Pepino (1958), das quais apenas a primeira e a última ainda atuam.

## 2 | BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A pesquisa em periódicos da cidade do Rio de Janeiro publicados entre 1920 até os dias atuais, realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Acervo Digital do jornal *O Globo*, permitiu-nos identificar a existência de oito bandas de música civis amadoras fundadas por migrantes portugueses nesta cidade, a partir de 1920, conforme ilustra o esquema gráfico a seguir.

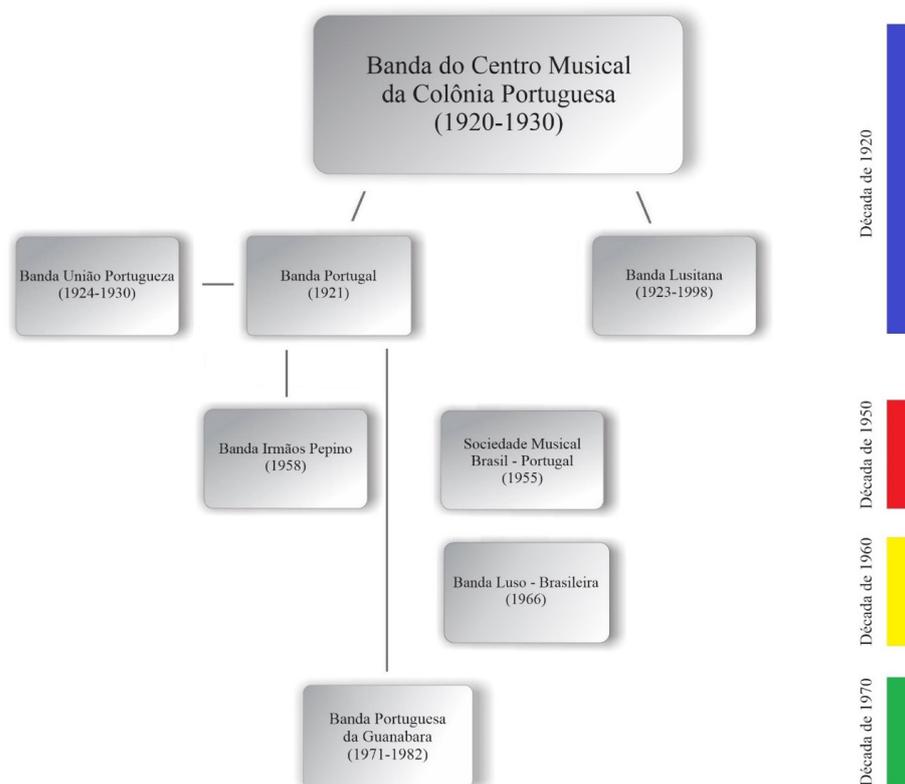


Gráfico 1: Bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro 1920 - 2018

Fonte: elaborado pelos autores.

No esquema gráfico acima, cada célula contém o nome da banda identificada durante a pesquisa com os respectivos anos de fundação e encerramento das atividades, quando foi possível determinar. As linhas que ligam as células representam que a banda da célula inferior teve origem a partir de uma cisão na banda cuja célula está ligada a ela. A coluna do lado direito contém as décadas em que cada banda foi criada.

Na década de 1920 foram criadas quatro bandas filarmônicas portuguesas na cidade do Rio de Janeiro. A Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa, fundada em 1920, é a mais antiga da cidade. A partir de uma dissidência da Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa foi fundada, em 26 de agosto de 1921, a Sociedade Nova Banda da Colônia Portuguesa. Em 1925 esta banda mudaria seu nome para Banda Portugal Sociedade Recreativa e, em 1938, somente para Banda Portugal,

quando passou a admitir brasileiros na sua diretoria, e que mantém até os dias atuais.

Em 19 de junho de 1923 uma nova cisão na Banda do Centro Musical da Colônia Portuguesa deu origem à Banda Lusitana. Na ocasião os dissidentes, em carta aberta à imprensa e à comunidade portuguesa, publicada no Jornal *O Brasil*, explicaram que o desentendimento teve início após reiteradas reivindicações dos músicos que queriam ter direito a voto na associação, o que lhes era negado pela diretoria.

A última banda filarmônica portuguesa da cidade fundada na década de 1920 foi a Banda União Portuguesa, a partir de uma cisão na Nova Banda da Colônia Portuguesa. Sua sede, no sobrado situado à Rua Frei Caneca, n. 4, foi inaugurada no dia 10 de setembro de 1924, e a estreia da banda se deu em sua sede, no dia 19 de outubro daquele mesmo ano.

Na década de 1950 foram criadas mais duas bandas portuguesas na cidade. A Sociedade Musical Brasil-Portugal, fundada em 04 de julho de 1955, também conhecida como “a banda de Realengo” por estar sediada naquela região da cidade; e a Banda Irmãos Pepino, fundada em 15 de março de 1958 a partir de uma dissidência da Banda Portugal. Quatro irmãos José, António, Inácio e João Pepino e um primo, João Urbano da Rosa, todos naturais de Fermentelos, uma Freguesia do Concelho de Águeda, em Portugal, e egressos da Banda Marcial de Fermentelos, saíram da Banda Portugal e fundaram uma banda que, inicialmente, ensaiava nos fundos da oficina mecânica dos irmãos Inácio e João Pepino, situada no Bairro de Maria da Graça e cujo nome lhes foi atribuído pela vizinhança da oficina que se juntava para assistir os ensaios da “bandinha dos irmãos Pepino”. Abaixo apresentamos uma foto da Banda Irmãos Pepino da década de 1960.



Figura 1: Banda Irmãos Pepino na década de 1960

Fonte: acervo da Banda Irmãos Pepino.

No bombo, na foto acima, vê-se a inscrição “Bandinha dos Pepinos”, nome que

lhe foi atribuído pela população, como relatamos anteriormente.

No dia 04 de outubro de 1966, o Jornal *O Globo* noticiava: “Vista Alegre já Tem sua Banda de Música”. A matéria fazia referência à Banda Luso-Brasileira, fundada no bairro de Vista Alegre, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, pelo maestro Antônio Monteiro, contramestre da Banda Portugal à altura, juntamente com os Srs. Fernando Lopes, José Marques, José Teixeira de Almeida e Lélis Monteiro. Esta banda teve uma existência breve, não chegando a cinco anos, segundo entrevistados da pesquisa.

A última banda filarmônica portuguesa criada na cidade do Rio de Janeiro foi a Banda Portuguesa da Guanabara a partir de uma nova cisão na Banda Portugal, em 1971, por conta de uma dívida da instituição com alguns músicos e com o próprio maestro, Heitor Catarino, em virtude de um empréstimo para aquisição da nova sede e que não teria sido quitado. Em 1982, um acordo-fusão foi assinado entre os presidentes da Banda Portugal e da Banda Portuguesa da Guanabara unindo os dois grupos que passaram a denominar-se, somente, Banda Portugal.

A pesquisa de doutoramento (OLIVEIRA, 2018), na qual baseia-se este artigo, objetivou examinar o processo de criação das bandas filarmônicas à luz da migração portuguesa a partir da descrição dos fluxos migratórios que lhes deram origem; compreender a prática das bandas filarmônicas em Portugal e investigar o seu processo de criação e implementação na cidade do Rio de Janeiro; construir as memórias desses grupos musicais da cidade do Rio de Janeiro, na perspectiva da Memória Social, com base em levantamento documental e entrevistas com atores desse processo; e investigar os motivos que levaram à situação atual de declínio das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro. O corpus daquela investigação foi gerado entre 2014 e 2018 por meio de revisão de literatura sobre as filarmônicas em Portugal e sobre a migração portuguesa para os países, nos quais identificou-se a existência de bandas filarmônicas portuguesas em atividade; pesquisa em periódicos locais da cidade do Rio de Janeiro e na Internet; realização de um grupo focal e entrevistas individuais com maestros, músicos e diretores que atuaram ou ainda atuam nestas bandas; trabalho de campo com observação participante em Portugal; e observação etnográfica nos Estados Unidos.

A fim de construir as memórias dessas instituições e compreender os motivos que as levaram à situação de declínio atual, objeto deste artigo, discutiremos parte do corpus – um grupo focal - realizado com músicos profissionais que atuam ou atuaram, nas bandas. Esse grupo focal, no qual ambos os autores foram os mediadores e criadores do tópico guia, foi constituído por seis músicos que hoje atuam profissionalmente e que tiveram sua iniciação musical ou tocaram por um determinado período em pelo menos uma das seguintes bandas: Banda Portugal, Banda Lusitana, Banda Irmãos Pepino e Banda Portuguesa da Guanabara.

As memórias enunciadas pelos músicos profissionais nas suas narrativas de experiências pessoais, evocadas no grupo focal, serão analisadas com vistas à compreensão da realidade atual destas instituições musicais. Fundamentaremos a

pesquisa na autora da Memória Social, Gondar (2016) e Bastos (2008), autora que analisa narrativas na perspectiva interacional, que serão apresentadas na seção 4.

### 3 | MEMÓRIA E NARRATIVAS

O arcabouço teórico para a análise das narrativas, neste artigo, fundamenta-se no campo interdisciplinar da Memória Social, articulado à Análise de Narrativas de base interacional (RIESSMAN, 2008), entendendo-os como construções sociais que acontecem na interação entre as pessoas.

Em seu artigo “Cinco proposições sobre memória social”, Gondar (2016) apresenta, inicialmente, duas dificuldades que impossibilitam a formulação de um conceito de memória em moldes clássicos, de maneira simples e unívoca. A primeira é que a memória nunca é, na multiplicidade dos seus processos de conservação e transformação, uma forma fixa ou estável. A memória é uma (re)construção permanente e dinâmica - simultaneamente, lembrança e esquecimento; arquivo e restos; acúmulo e perda. Neste sentido, Gondar (2016) aponta que um dos binarismos presentes no campo da memória social diz respeito às relações entre lembrança e esquecimento. Para a autora, perceber o esquecimento enquanto um mal a ser evitado implica a manutenção da dicotomia que neutraliza e elide a dimensão política de toda memória. Para a autora, esquecer é um ato que se encontra presente, invariavelmente, em qualquer construção mnemônica, e para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha, ou seja, a cada vez que escolhemos transformar ideias, percepções ou acontecimentos específicos em lembranças, outros tantos são relegados ao esquecimento. Segundo a autora, o problema da seleção e da escolha faz da memória o “resultado de uma relação complexa e paradoxal entre processos de lembrar e de esquecer, que deixam de ser vistos como polaridades opostas e passam a integrar um vínculo de coexistência paradoxal” (GONDAR, 2016, p. 28). O que lembrar e o que esquecer não é apenas uma seleção; é tensionar as linhas de força com vistas a uma direção.

A segunda dificuldade para a formulação de um conceito de memória, segundo Gondar (2016), é que a memória não pode ser definida de maneira única por nenhuma área de conhecimento. Memória é, também, modos de sentir, perceber, pequenos gestos, práticas de si, logo, não é passível de ser reduzida somente à representação. Neste sentido, a autora analisa que:

Assim como não se pode reduzir a passagem do tempo real, em suas ínfimas variações, à marcação dos ponteiros de um relógio, não se pode reduzir a permanente agitação das forças sociais ao contorno homogêneo de uma representação. As representações não surgem subitamente no campo social, mas resultam de jogos de força bastante complexos, envolvendo combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alteram. Se reduzirmos a memória a um campo de representações, desprezaremos as condições processuais de sua produção. (GONDAR, 2016, p.35)

Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), os primeiros a considerar a narrativa como objeto de investigação na Linguística, definiram-na como um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (presume-se) ocorreram de fato. Para os autores, o que caracteriza a recapitulação de experiências como uma narrativa, e não como um relatório, é o fato dela remeter a um acontecimento específico e não a hábitos passados ou ações recorrentes, ser estruturada em uma sequência temporal e ter um ponto a ser contado. Aqui, observa-se uma abordagem estrutural para as narrativas. As motivações acerca do ato de contar uma história para um(a) dado(a) interlocutor(a), em uma situação comunicativa específica, sob certas condições, aspectos do âmbito da interação entre narrador e ouvinte, não são contemplados.

Para Bastos (2008), diferentemente dos autores supracitados, as narrativas “[...] não são mais consideradas como representações diretas e transparentes de eventos passados, mas sim como recontagens seletivas e contextualizadas de lembranças de eventos.” (p. 94). Assim, falamos sobre nossas experiências passadas guiados pelo filtro de nossas emoções, afetos e lembranças o que faz com que transformemos e recriemos a nossa experiência. Cada vez que contamos uma história, podemos tanto transformar nossas lembranças quanto cristalizar determinadas interpretações e as formas de relatá-las. Essas interpretações e formulações discursivas, então, operam, muitas vezes de forma não racional, na tensão lembrança e esquecimento a partir da seleção do que deve/pode ser narrado.

Bastos (2008) reitera que construímos as histórias que contamos em função da situação de comunicação (quando, onde e para quem contamos), de filtros afetivos e culturais, e do que estamos fazendo ao contar uma história e acrescenta que, ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, crenças e valores, ou seja, estamos construindo, a todo momento, identidades.

Analisaremos as narrativas de experiências pessoais (Bastos, 2008) articulando-as a alguns componentes das narrativas propostos por Labov. O componente “avaliação” nos importa aqui na medida em que ele funciona como uma janela para identificarmos o ponto da narrativa, ou seja, por que estou contando isso aqui e agora para meu interlocutor. O exame considera o campo da memória social inserido em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento (Gondar, 2016).

#### **4 | REALIDADE ATUAL DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS NO RIO DE JANEIRO**

Na seção “Introdução” deste artigo informamos que, atualmente, só a Banda Portugal e a Banda Irmãos Pepino continuam em atividade na cidade do Rio de Janeiro dentre todas as bandas filarmônicas portuguesas fundadas desde 1920. Contudo, não significa que se encontrem numa situação que remonte ao apogeu que vivenciaram

até o final dos anos 1980. A Banda Portugal, que chegou a possuir duas sedes, hoje já não existe mais como pessoa jurídica - foi incorporada ao Liceu Literário Português, em 2012, e é atualmente um departamento daquela instituição, que é sua mantenedora. A Banda Irmãos Pepino chegou a receber uma subvenção mensal do Liceu Literário Português, até 2012, quando este incorporou a Banda Portugal e cortou o patrocínio que lhe era atribuído. Anteriormente a banda realizava almoços e festas, além de alugar sua quadra desportiva para eventos particulares, contudo, após a tragédia na Boate Kiss (2013) que vitimou dezenas de vidas, o Corpo de Bombeiros passou a exigir a realização de uma obra para a construção de uma saída de emergência que a banda não tem como arcar. Desde então, a única fonte de renda da instituição é o aluguel de sua quadra desportiva para jogos particulares e escolinhas de futebol que não cobrem os custos para a manutenção da sua sede. Hoje a banda possui uma enorme dívida de IPTU e tem dificuldade para arcar com as despesas mais básicas, como contas de luz e água.

A fim de compreender os motivos que levaram à situação atual destas bandas realizamos um grupo focal, do qual, apresentaremos os dados em blocos narrativos com foco na compreensão da realidade atual destas instituições sob o olhar dos músicos profissionais. Os grupos focais partem de uma perspectiva interacionista e buscam mostrar o modo como uma questão é construída e alterada ao ser debatida em uma discussão de grupo, segundo Flick (2009), por isso a opção pelo uso deste procedimento metodológico.

O grupo focal em questão, que contou com a participação de seis músicos profissionais que haviam atuado em bandas filarmônicas e dos dois mediadores autores deste artigo, foi gravado em áudio, e teve a duração aproximada de duas horas e quinze minutos. A interação se deu em uma das salas do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO e ocorreu após a assinatura, pelos participantes, do TCLE (termos de consentimento livre esclarecido). A transcrição dos segmentos foi realizada pelo primeiro autor deste trabalho em consonância com os preceitos adotados pela perspectiva interacional da análise do discurso/narrativas. São adotadas algumas convenções na transcrição da fala para a escrita na tentativa de representar a natureza dialógica do discurso das narrativas. Assim, as pistas de contextualização (Gumperz, 2002) – sinais que indicam para o narrador e para o ouvinte como dada mensagem deve ser interpretada – é uma categoria fundamental para os estudos de narrativa sob o olhar interacional. A ênfase, as pausas, os alongamentos de vogais, entre outros, são exemplos de pistas que nada mais são do que recursos usados pelos participantes de uma interação para identificar o que está acontecendo aqui e agora quando interajo com meu interlocutor.

A pretensão inicial, quando da realização do grupo focal, era convidar participantes que, através de conhecimento pessoal prévio do primeiro autor, tivessem recebido sua iniciação musical ou atuado, quando jovens, durante um período de, pelo menos, cinco anos em uma das bandas portuguesas da cidade vindo, posteriormente,

a se profissionalizar na música, pois objetivava-se demonstrar a relevância das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro como instrumento de educação musical.

De forma não intencional observou-se, posteriormente, que, entre os seis participantes, havia quatro luso-descendentes, três deles, de primeira geração, e um último de segunda geração. O avô de outro participante era espanhol, mas tocou muitos anos na Banda Portugal e na Banda Portuguesa da Guanabara, onde ensinou os primeiros passos ao neto, segundo seu próprio relato de experiência pessoal. Somente um dos participantes não é descendente próximo de outra nacionalidade diferente da brasileira.

A seguir apresentamos um quadro que contém algumas informações sobre os participantes do grupo focal citados neste artigo a fim de melhor contextualizar o leitor. Estas informações foram obtidas por meio de um formulário individual de informações preenchido por todos os participantes ao término da realização do grupo focal. As idades dos participantes informadas no quadro abaixo referem-se à época da realização do grupo focal, em julho de 2015. Os nomes dos participantes utilizados neste artigo foram alterados, a fim de preservar suas identidades.

Nome	Migrante ou luso-descendente	Idade	Profissão	Bandas portuguesas em que atuou	Funções nesta (s) Banda (s)	Tempo de atuação considerando todas as bandas portuguesas de que participou
<b>Pedro</b>	Luso-descendente de 1 <sup>a</sup> . geração	56 anos	Músico freelancer	Banda Lusitana, Banda Portuguesa da Guanabara e Banda Portugal	Músico	Não informado
<b>João</b>	Luso-descendente de 1 <sup>a</sup> . geração	47 anos	Músico de orquestra sinfônica	Banda Portuguesa da Guanabara e Banda Portugal	Músico	6 anos
<b>Fernando</b>	Luso-descendente de 1 <sup>a</sup> . geração	55 anos	Professor de Música	Banda Portuguesa da Guanabara e Banda Portugal	Músico	43 anos

Quadro 1: Informações sobre os participantes do grupo focal realizado em 20 jul. 2015

Fonte: elaborado pelos autores.

No segmento 1, os músicos participantes respondiam à primeira pergunta aberta formulada que constava do tópico guia: “Em que medida a participação em uma banda portuguesa contribuiu para a sua formação como músico?”. Neste segmento, observaremos uma interação entre João e Pedro a propósito do financiamento destas bandas. As convenções utilizadas na transcrição dos segmentos narrativos encontram-

se em quadro anexo, ao final do artigo.

179	João	Esse lado também é importante, mas assim...
180		concursos, essa banda é melhor que a outra...
181		Acho que veio depois de uma certa história de,
182		de religião de encontrar os parceiros lá de
183		Portugal aqui... E alguns mais bem sucedidos,
184		outros não... em geral tinha sempre alguém que
185		assim que apoiava a banda, né?
186	Pedro	Tinha sempre um portuga, até meu tio uma época
187		foi patrocinador da banda... não sei se Portugal,
188		acho que foi Portugal <u>ele deu fardamento completo</u>
189		<u>pra todo mundo,</u>
190		[mandou ir lá no alfaiate]...
191	João	[Essa história sempre acontecia.]
192	Pedro	"Vocês vão lá um por um, tira as medidas e manda
193		fazer calça, paletó, <u>tudo</u> . Deixa tudo na minha
194		conta." Meu tio pagou fardamento geral, tudo
195		novo.

#### Segmento 1

João, referindo-se à primeira pergunta colocada para o grupo focal, aponta a relação de proximidade entre a prática das bandas filarmônicas no Brasil e a questão religiosa (linha 182). Sobre este aspecto, vale observar que Nogueira (2010) atesta que, em Portugal, "A cultura religiosa foi a grande financiadora e impulsionadora das bandas filarmônicas. As bandas cantavam ou tocavam em missas, procissões e arraiais [...]." (NOGUEIRA, 2010, p. 29). Como vimos na introdução deste artigo, Castelo Branco (1997) considera que a vida das bandas filarmônicas, em Portugal, está diretamente ligada ao ciclo anual de festas religiosas que acontecem no período do verão nas localidades, sobretudo nas regiões centro e norte do país. Sousa (2017) explica que nas regiões centro e norte de Portugal algumas bandas tiveram origem em agrupamentos musicais da Igreja, de Irmandades ou Ordens Religiosas ou foram fundadas pelos padres das paróquias, que em alguns casos, também viriam a ser seus primeiros professores e maestros. Nestas regiões grande parte das bandas não possuía sede própria e acabava por realizar seus ensaios em espaços cedidos pelas próprias paróquias. Na cidade do Rio de Janeiro, um dos principais contextos de atuação das bandas portuguesas, até os dias atuais, são as festividades religiosas organizadas por igrejas ou casas regionais portuguesas nas datas alusivas aos santos padroeiros das suas respectivas localidades, nas quais o destaque principal da banda ocorre durante a procissão. Cabe também ressaltar que a influência da Igreja Católica se faz perceber, inclusive, no seio das bandas filarmônicas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro. Os estatutos da Banda Irmãos Pepino, por exemplo, citam textualmente no Parágrafo Único do seu artigo 2º que: "Anualmente, no mês de agosto,

será comemorada festivamente a data de Nossa Senhora da Saúde, Padroeira da Associação”. No artigo 3º ainda completa afirmando que “Esta Associação cultivará as tradições católicas”.

O financiamento das bandas é abordado por João (linhas 184 e 185) e Pedro. Este, na sua narrativa, (linha 186) constrói discursivamente o migrante português de uma forma estereotipada referindo-se a ele como “portuga”. Narra que seu tio deu o fardamento completo da banda, procedimento que parecia ser comum pela confirmação de João (linha 191) possibilitando-nos inferir como estas instituições eram financiadas (“ele deu fardamento completo pra todo mundo”). Cabe destacar que o narrador Pedro usa o recurso da ênfase (sublinhado) enaltecendo a generosidade do tio – financiou o uniforme de todos da banda - atribuindo maior colorido ao conteúdo enunciado. Na linha seguinte, ele emprega o diálogo construído (TANNEN, 1989) trazendo as falas supostamente ditas por seu tio em outro tempo e espaço para sua narrativa, dando voz, assim, às personagens. (“Vocês vão lá um por um, tira as medidas e manda fazer calça, paletó, tudo. Deixa tudo na minha conta”). Nessa operação de construção narrativa, Pedro reitera o atributo de generosidade do familiar ao detalhar as peças da farda bem como a responsabilidade única do pagamento de todas as fardas.

Os três próximos segmentos respondem às seguintes perguntas: “Como você avalia a situação das bandas portuguesas no presente e o que você acredita ter contribuído para a situação atual destas instituições?”.

832	Fernando	Isso passa... isso passa até por uma, uma...
833		inicialmente, passa por uma tradição familiar
834		mesmo, né. É... se você for, é... lá pra..., lá
835		pra década de 20 e tudo, a união das famílias
836		era muito maior. A instituição familiar era
837		diferente, [...] mas eu digo a família como um
838		centro mesmo. A família constituída por pai,
839		mãe, irmão, filho, avô e tal... eles iam até o
840		fim. Eles iam, os netos... Hoje em dia, quer
841		dizer, essa horizontalidade da sociedade, ela
842		se tornou vertical. Hoje em dia quem assume
843		o papel desse pai...né? Que eventualmente sai
844		da família é a avó. A avó passa a ser um...
845		um... centro da família, né? Então quantas,
846		quantos, quantas meninas aí tem filho=quem é
847		que cuida dos filhos dela? É a avó, né? Então
848		quer dizer essa relação família ela tem a ver
849		analogicamente, diretamente ou indiretamente
850		como também essa relação da banda, né? Isso
851		é um aspecto. O outro aspecto é o aspecto
852		gerencial, né? É, o, o Brasil ele:: eu digo
853		que até hoje ele ainda... não se livrou...
854		da oligarquia... né? Se você for ver bem...
855		você vê quem é que tá no poder=ainda somos
856		oligárquicos, né? E isso daí... tem a ver
857		também com a história da banda porque... como
858		eu falei antes, enquanto o Heitor tava lá, né?
859		Com a, com a vara na mão dando porrada no cara
860		pra ele acordar e... se preocupando com o fá
860		sustenido, com etc. tinha alguém lá por trás...
862		que ou gerenciava muito mal ou não tinha a menor
863		noção de gerenciamento... entendeu?=Quantas
864		vezes aquele cofre foi encontrado aberto...
865		ali na Banda Portugal=meu pai mesmo falava
866		°e tal° e eu me lembro que quando tinha as
867		eleições... e aí começavam as acusações de um,
868		acusações de outro você, lembra disso, né? Mas ninguém assumia nada porque não tinha um estado gerencial... né?

## Segmento 2

Em sua longa narrativa, Fernando relata motivos diversos para a compreensão da realidade atual das bandas filarmônicas portuguesas no Rio de Janeiro. Com relação ao primeiro aspecto destacado, a questão familiar (linhas 832 a 842), Fernando observa que as relações familiares mudaram, e que antigamente as famílias eram mais unidas. Na sua percepção a horizontalidade que havia nas relações familiares tornou-se vertical e, com isso a avó passara a ser o centro da família (linha 844), pois tem que cuidar dos netos para que os pais possam trabalhar. Estabelece ainda uma analogia com a situação das bandas (linhas 847 e 850), no sentido de que, anteriormente, as

diferentes gerações se reuniam, também, em torno da banda - avós, filhos e netos tocavam e participavam juntos na banda, o que, a seu ver, não mais acontece, por conta das mudanças na instituição familiar, onde a mulher, exerce um novo papel deixando de se dedicar exclusivamente ao lar e aos filhos para estudar e trabalhar. Fernando ressalta, também, o mau gerenciamento das bandas (linha 850 a 862) e recorre a uma análise sociopolítica do país para fazê-lo. Aponta a oligarquia como um traço premente nas práticas sociais (“Se você for ver bem... você vê quem é que tá no poder=ainda somos oligárquicos, né?”), e exemplifica este aspecto nas bandas ao trazer o personagem do maestro Heitor, cuja regência, segundo a história que conta, é eivada de atos e práticas de certa aspereza (“Com a, com a vara na mão dando porrada no cara pra ele acordar”). Ao mesmo tempo, ele constrói essa personagem como alguém atento aos detalhes da performance musical (“se preocupando com o fá sustentado, com etc.”). Em seguida, retoma o sub-tópico anterior insistindo no mau gerenciamento das bandas realizado provavelmente por não profissionais (“tinha alguém lá por trás... que ou gerenciava muito mal ou não tinha a menor noção de gerenciamento...”). E, para reforçar seu argumento de mal gerenciamento, acrescenta, em fala engatada, sem pausa, à narrativa um episódio relativo à guarda do dinheiro que ocorrera repetidas vezes: “Quantas vezes aquele cofre foi encontrado aberto... ali na Banda Portugal”. Interessante observar que o clima de fraternidade e companheirismo que circunda grande parte das narrativas dos entrevistados relativas à atmosfera nas bandas recebe uma mitigação aqui no final desse excerto: “e aí começavam as acusações de um, acusações de outro você, lembra disso, né?” gerencial... né?”. A seguir apresentaremos o segmento narrativo 3.

893	Fernando	Agora... o que... na verdade:: eu queria
894		com ele era que ele:: né...? Buscasse
895		a... a vontade... eu não sei se é a
896		vontade política ou vontade, porque
897		ele é um português mesmo=o cara, o cara
898		fala aquele português que eu não entendo
899		patavina do que ele fala. Eu queria que
900		ele buscasse no coração dele a <u>IMPORTÂNCIA</u>
901		<u>dessa tradição</u> ... E é isso que eu não
902		consegui... Eu não consegui e o meu pai
903		se debate lá “Porque não sei o que,
904		porque não sei o que...” eu falei “Pai...
905		<u>Ele não quer.</u> ” Entendeu?=Infelizmente eu
906		tive que falar claro e, e objetivo com
907		meu pai. Eu falei “Cara ele <u>não quer</u> ”.

### Segmento 3

No segmento 3, Fernando segue suas considerações a propósito dos motivos que teriam levado à situação atual das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro, referindo-se ao falecido Sr. Antonio Gomes da Costa, português de nascimento e

advogado de formação, figura proeminente na colônia portuguesa do Rio de Janeiro que ocupou cargos em importantes instituições portuguesas a exemplo da presidência do Real Gabinete Português de Leitura e do Conselho Deliberativo da Beneficência Portuguesa. Em sua narrativa, Fernando conta-nos que o procurou com vistas ao apoio para a Banda Portugal, na qual seu pai é maestro (“eu queria com ele era que ele:: né...? Buscasse a... a vontade... eu não sei se é a vontade política ou vontade”). Em sua narrativa, ressalta o apelo emocional, ao trazer, como justificativa para a procura desse personagem, o aspecto do desejo de manter as tradições portuguesas relativas à manutenção da banda (“porque ele é um português mesmo”). Dá seguimento a sua estória (“Eu queria que ele buscasse no coração dele a IMPORTÂNCIA dessa tradição...”) enfatizando o apelo ao caráter afetivo implicado, remetendo-nos, assim, à concepção de memória trazida por Gondar (2016). A memória é (re) construção permanente, constituída por movimentos, aberturas, processos de manutenção e criação assim como por afetos e cheiros. A forte relação do narrador com essa tradição é sinalizada também pela ênfase dada à palavra “importância”, destacada, na transcrição, em caixa alta. Fernando finaliza sua estória enunciando seu fracasso, de forma repetida, nessa tentativa de apoio (“E é isso que eu não consegui... Eu não consegui”), lançando mão, em seguida, do recurso do diálogo construído (TANNEN, 1989) ao trazer para a narrativa o diálogo que tivera com seu pai no qual ele enuncia, de forma evidente, a recusa do Sr. Antônio em apoiar a banda (“eu falei “Pai... Ele não quer.” Entendeu?=Infelizmente eu tive que falar claro e, e objetivo com meu pai. Eu falei “Cara ele não quer”). As falas supostamente enunciadas trazem mais vivacidade para a narrativa, adicionando-lhe uma certa dramaticidade. A seleção lexical do narrador (“infelizmente eu tive que falar claro”) coloca o ouvinte diante de uma situação de enunciação difícil, fazendo-nos inferir a dor sentida pelo pai diante daquela recusa.

1046	Antonio	Como você avalia a situação das bandas portuguesas?
1047		
1048	João	Sim, sim, é... Se a gente parar pra pensar em geral a situação das bandas...
1049		
1050	Antonio	<u>É.</u>
1051	João	Ou se você for pensar mais um pouquinho mais <u>das orquestras</u> ... Orquestra Sinfônica Nacional, Orquestra Sinfônica Brasileira, cadê as verbas pra cultura? Sabe? Artisticamente a nossa cultura de banda é, sabe, é quase... <u>zero</u> eu acho, sabe?=Eu gostaria de ver muito mais bandas... no Rio de Janeiro e no Brasil todo. A cultura tá em que pé? Entendeu? Então quando você fala bandas portuguesas eu escuto assim <u>“É banda. Qualquer banda.”</u> . Acho muito fraco... acho... Sabe? Infelizmente...
1052		
1053		
1054		
1055		
1056		
1057		
1058		
1059		
1060		
1061		

#### Segmento 4

No último segmento analisado, João ressalta a crise da cultura como um todo no

país (Linhas 1048 a 1054), e refere-se à situação das orquestras sinfônicas profissionais do estado do Rio de Janeiro (“Orquestra Sinfônica Nacional, Orquestra Sinfônica Brasileira”), salientando que as mesmas já enfrentam dificuldades financeiras (“cadê as verbas pra cultura?”). A seguir, João considera que a situação das bandas de música em geral, não só as bandas portuguesas, no Brasil é ainda pior (“Artisticamente a nossa cultura de banda é, sabe, é quase... zero eu acho, sabe?”). Note-se que a palavra “zero” opera como elemento avaliativo e, a ênfase na palavra denotada pelo sublinhado nesta avaliação, confere a João o uso da performatividade como recurso dramático. Segundo Bauman (1986), a performance é um evento situado num contexto particular, construído pelos participantes. Há papéis e maneiras de falar e agir e a performance é um ato de comunicação, mas como categoria distingue-se dos outros atos de fala principalmente por sua função expressiva. Em consonância com a narrativa de João a propósito da situação da cultura no país, cabe ilustrar que, em 2017, a Orquestra Sinfônica Brasileira e o Teatro Municipal do Rio de Janeiro suspenderam parte de suas temporadas e atrasaram salários; e o governo do Estado de São Paulo acabou com a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, um dos conjuntos mais importantes da América Latina no gênero. Diante deste cenário as bandas portuguesas, na sua visão, não estariam isentas dos problemas enfrentados por todas as bandas de música (“É banda. Qualquer banda.”), tornando a utilizar-se de uma palavra como elemento avaliativo (“fraco”) para avaliar a precariedade da situação destes grupos musicais no país (“Acho muito fraco...”).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos aqui compreender os motivos que levaram à realidade atual das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro a partir da construção das memórias destas instituições musicais com base nas narrativas de experiência pessoais de músicos profissionais que tiveram sua iniciação ou atuaram nestas bandas por um período mínimo de cinco anos. A análise das narrativas, seguindo uma perspectiva interacional, serve como ferramenta para que possamos compreender a vida em sociedade através das interações interpessoais, numa perspectiva socioconstrucionista. Neste sentido, a interação entre os participantes do grupo focal permite que emergam memórias, que são coconstruídas de forma dinâmica na sua relação lembrança/esquecimento e, neste artigo, nos permitiu responder, em parte, à questão que suscitou sua elaboração.

Inicialmente destacamos a importância das bandas filarmônicas em Portugal, sobretudo, nas festividades religiosas das localidades situadas nas regiões centro e norte do país. Vimos, também, que no contexto do associativismo migrante, os portugueses levaram consigo as suas práticas musicais chegando a instituir agrupamentos semelhantes às bandas filarmônicas em Portugal. A seguir

apresentamos um breve histórico da criação destes grupos na cidade do Rio de Janeiro, com base na pesquisa realizada nos periódicos locais, a partir de 1920, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A análise das narrativas dos músicos permitiu-nos inferir que as referidas bandas se mantiveram, em grande medida, por conta do altruísmo de alguns migrantes que, quando atingiam uma melhor condição financeira, faziam doações a fim de contribuir na compra de instrumentos, manutenção da sede, aquisição de uniformes e demais despesas. Desta forma, observamos que as bandas não implementaram modelos alternativos de gestão que proporcionassem a sua sustentabilidade tendo, como base, apenas o mecenato. Pudemos, ainda, observar problemas de gerenciamento e descontrole nas finanças destas instituições. A mudança nas relações familiares nos dias atuais também foi citada como um dos motivos para a situação atual destes grupos musicais, pois convívio da família no seio das bandas já não existiria como anteriormente. Por fim, a crise da cultura no Brasil foi, também, abordada como um dos motivos para a situação atual das bandas de música em geral e, por conseguinte, também das bandas portuguesas.

No decorrer da pesquisa, entrevistas individuais foram realizadas e, as memórias que nelas emergiram, acabaram por evidenciar outros motivos, além dos citados neste artigo, que levaram à compreensão da situação atual das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro. Esta análise completa se encontra no bojo da tese, na qual, se baseou este trabalho.

## REFERÊNCIAS

BANDA IRMÃOS PEPINO. **Estatuto da Associação Musical Banda Irmãos Pepino - Sociedade Luso-Brasileira**. Rio de Janeiro, 2008.

BASTOS, Liliana Cabral. Estórias, Vida Cotidiana e Identidade - Uma Introdução ao Estudo da Narrativa. In: COULTHARD, C.R.C e CABRAL, L.S (Org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008, p. 79-111.

BAUMAN, Richard. **Story, performance and event. Contextual studies of oral narrative**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CASTELO BRANCO, Salwa El-Shawan. Voix du Portugal. **Cité de La Musique**, Actes Sud, p. 62-73, 1997.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GONDAR, Jô. Cinco apontamentos em Memória Social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. (Org.). **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 15, n. 9, p. 19-40, 2016.

GUMPERZ, John. Entrevista com John Gumperz. In: PEREIRA, M. G. D. GARCEZ, P. M. (Orgs. e Eds.). **Palavra**. v. 8. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, William; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

NOGUEIRA, Tristão. Modelos Predominantes de Espetáculos. In: **Entre Bandas**, v.2. Seixal: Confederação Musical Portuguesa, 2010, p. 28-33.

OLIVEIRA, Antonio Henrique Seixas de. **Acordes filarmônicos ecoam na Guanabara - memórias e narrativas das bandas portuguesas da cidade do Rio de Janeiro**. 2018. 245f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RIESSMAN, Catherine Koehler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.

SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self portrait: sociolinguistic construction of identity. In: **Language in Society**, 25 (2), 1996, p. 167-203.

SOUSA, Pedro Alexandre Marcelino Marquês de. **Bandas de Música na História da Música em Portugal**. Porto: Fronteira do Caos, 2017.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse**. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

Convenções de Transcrição:	
...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
<b><u>sublinhado</u></b>	ênfase
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-426-9



9 788572 474269